

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 61 — Domingo, 8 de Agosto de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LEIA  
A ILHA DOS  
SONHOS MALDITOS?  
POEMAS DE  
A. VICENTE CAMPINAS  
EDIÇÕES IBÉRIA  
Vila Real de Santo António

AVENÇA

## ASPIRAÇÕES ALGARVIAS A CONSTRUÇÃO DE UMA DOCA DE PESCA NO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O NOSSO estimado colega de Faro, «Correio do Sul», no seu último número, em artigo ilustrado com dois aspectos do porto de Vila Real de Santo António, aponta a necessidade e urgência da construção de uma doca de pesca nesta vila. É-nos particularmente grato constatar o interesse com que aquele nosso brilhante colega defende uma antiga e justíssima aspiração da nossa terra, salientando quanto esse melhoramento é indispensável para uma maior eficiência dos nossos serviços portuários. Porque se trata de um assunto da maior importância para esta vila, é com o maior prazer que, com a devida vénia, o transcrevemos nestas colunas:

«Entre as mais legítimas aspirações algarvias figura a da construção de uma doca de pesca no magnífico porto de Vila Real de Santo António, melhoramento indispensável para a boa regularização e desenvolvi-

mento dos respectivos serviços.

Pondo em justo relevo a razão que nessa legítima aspiração lhe assiste, escrevia-se, ainda recentemente, num dos boletins do Porto de Lisboa, que o porto de

Vila Real de Santo António não tem sido esquecido e citavam-se, entre os mais importantes melhoramentos de que ele ultimamente tem sido dotado, a construção de cais acostáveis e a aquisição dos respectivos apetrechamentos mecânicos e a criação do acesso ferroviário. «O objectivo foi, assim, criar um porto comercial e dotá-lo de convenientes condições de exploração», escreve-se no boletim a que nos reportamos.

O desejo de que o porto seja dotado de uma doca de pesca, é a resultante implícita dos melhoramentos de que, com inteira justiça, foi dotado, pois se torna indispensável promover o des congestionamento do cais acostável do porto comer-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## AS FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES REALIZAM-SE EM CASTRO MARIM nos dias 14 e 15 do corrente mês

CASTRO Marim celebra, nos próximos dias 14 e 15 deste mês, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora dos Mártires, padroeira daquela vila.

Do programa, que já se encontra elaborado, fazem parte, no dia 14, alvorada, pela Banda de Castro Marim; missa, com cânticos, às 10 horas; um grandioso festival de ciclismo, às 17 horas; e, à noite, quermesse, arraial e concerto pela Banda de Castro Marim, um dos melhores agrupamentos musicais do sotavento algarvio. No domingo, dia 15, haverá alvorada pela Banda da-



Imagem de Nossa Senhora dos Mártires

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## CHAVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

ANJO E BESTA

O **HOMEM** é simultaneamente anjo e besta. Dentro de si mesmo — dois impulsos coexistem: um que o solicita para as alturas da perfeição, outro que o puxa para os abismos da animalidade. No primeiro caso, é o anjo que comanda; no segundo, é a besta que domina. E, infelizmente para nós, mais manda a besta que o anjo.

LIBERDADE

A **LIBERDADE** total não é deste mundo — e se do outro é, nós o ignoramos. Todos somos cativos, até mesmo quando damos todas as satisfações aos nossos impulsos, sentidos e instintos. E, então, precisamente, que vivemos em maior escravidão — a escravidão dos sentidos, que a não há mais forte.

Todos somos cativos; da educação que recebemos, do temperamento que herdámos, da religião que praticamos, do espaço em que nos movemos, da doença que nos assalta, da filosofia que professamos, da sociedade em que vivemos, da inteligência que Deus nos deu, da morte que a todo o momento nos espreita.

INSTRUÇÃO E MULHER

**DIZER** que a mulher pode instruir-se não é dizer tudo. Importa acrescentar que deve fazê-lo. Não terá uma inteligência igualzinha à do ho-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



## O ARAÚJO DO CAMÕES ÚLTIMO REDUTO DA BOÉMIA JORNALÍSTICA DE LISBOA

O **CAMÕES** fica-me em caminho no meu trajeto quase diário para a Brasileira do Chiado, e de cada vez que ali passo deito um olhar de saudade e de melancolia para o Araújo, que foi o último reduto da boémia jornalística de Lisboa.

A Leitaria Araújo é um pequeno estabelecimento contemporâneo do desaparecido quiosque da praça do épico, onde se forneciam, no Verão, os mais belos capilés de avenca da capital, e, no Inverno, os grogues quentes que desentorpeciam e animavam. Araújo, o velho Araújo do Camões, é o dono do estabelecimento. Daí o ser este conhecido pelo nome do seu proprietário. Bom homem, muito endinheirado, muito afável, diligenciando ser amigo do seu amigo e sempre atencioso: «V. Ex.ª manda!» No fundo, cordealidade, boa camaradagem.

Pois bem, nesta leitaria, na aparência tão igual aos outros estabelecimentos do seu género, teve durante anos o seu reduto a última tertúlia boémia dos jornalistas de Lisboa. Ali se reuniam, de madrugada, os camaradas de «O Século» e do «Diário de Notícias» e de alguns outros jornais da manhã. Terminada a nossa faina, aí por volta das duas horas, quando os motoristas dos taxis, cruzando os braços em cima do volante, dormitavam à espera de fregueses, e o polícia de giro disfarçava o bocejo com a mão enconchada na boca, começava a animar-se o Araújo.

Posta a chave no último linguado e dadas as boas noites aos que ficavam de piquete, lá iam convergindo para o Camões. Nunca se soube quem era o primeiro a chegar ao pequeno santuário da boémia, porque a qualquer hora

que lá entrássemos já lá encontrávamos um da tertúlia. O último, soube-se sempre quem foi — o António Maria Lopes, editor de «O Século», que ao tempo tinha muito cabelo preto e hoje já não tem pretos nem brancos. Aparecia aí

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



## NATAL DA IMPRENSA

(Soneto de Raposo de Oliviera, inspirado pela morte dos jornalistas Bento Mântua e Leitão Xavier, publicada no «Diário Liberal», com o pseudónimo de João Só, em 23 de Dezembro de 1932. Poucos dias depois da sua publicação, Raposo de Oliviera desaparecia também do número dos vivos.)

Anda a morte a rondar, em negra ronda,  
Da nossa Imprensa o mísero reduto...  
Os mortos passam, no rolar da onda,  
E a onda rola sobre um mar de luto...

Ontem, foi um. Hoje, outro. Outro amanhã.  
— Deixá-los ir! O rumo é conhecido...  
Antero o disse (e a frase não é vã...)  
Que sempre o mal maior é ter nascido!

Mas custa ver tombar, assim, a esmo,  
Os que conosco se parecem, mesmo.  
— Irmãos nossos, na boa e na má sorte...

Este Natal! Que lágrimas choradas!  
— Meus mortos, meus saudosos camaradas!  
Brindai comigo: Boas festas, morte!

## A CAMINHO DE SAGRES ENIGMAS DA VIDA

IV

Por MARCOS ALGARVE

A **VIDA** é composta de enigmas, mistérios, comédias, dramas, tragédias, ódios, misérias, invejas, vaidades e paixões. E' por isso mesmo que os escritores românticos chamavam o palco da vida.

Na verdade, mesmo descontando os exageros do «Noivado do Sepulcro», de Soares de Passos, e da «Judia», de Tomaz Ribeiro, o que é a vida mais que um palco de representações? Lope de Vega, Calderón de La Barca, Gil Vicente e Marcelino Mesquita não transplantaram a existência desta mórbida e convulsa Humanidade para o tablado do teatro? E' fizeram

uns espectadores rir, outros chorar, e outros, amantes da filosofia, rever as suas mágoas, desesperos, pecados e alegrias!...

Desculpem-me os leitores estas rápidas conside-

rações de ordem moral, filosófica e social.

Dessa jornada de Sagres, já todos os meus companheiros desapareceram na sombra do túmulo. Eram

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## EXAMES...

O **CAVALO** de batalha da presente época são nada mais nada menos que os exames. E, à roda do momentoso problema, todos se julgam com direito de teorizar, de criticar, de botar fala. Quem há que não tenha na Escola, «lato sensu» entendase, um filho, um irmão, um sobrinho, um parente? Quem não está ligado a ela por laços sentimentais e materiais respeitáveis e autênticos?

Daí deriva a celeuma que se levanta à volta deste programa, daquele método, do exame que está eminente, da competência dos autores dos pontos, da honestidade dos profissionais que estiveram encarregados dos trabalhos materiais da sua apresentação no papel. Se o candidato passa, tudo se esbate na romanesca alegria familiar e o triunfo do pimpolho faz ver os problemas da educação nacional sob um aspecto optimista e, seguramente, prova que o rapaz tem qualidades, mau grado todas as dificuldades.

Porém, se é a inversa que se verifica, aqui d'El-rei que o Ministério carece de uma total reforma e

tudo, mas tudo mesmo, está errado e é inútil. Se em outros moldes se não educam os futuros homens de amanhã, pensam os pessimistas de oportunidade, a Nação corre o grave risco de se despenhar num abismo do qual ninguém a poderá salvar.

Nega-se a obra realizada em 25 anos de esforço em prol da Educação e afirma-se, até, que nesse espaço de tempo nada mais houve que uma aparência de melhoria. Tudo, dizem, está afinal a caminhar para o retrocesso e o avanço da Ciência não se verificou entre nós. As nossas Escolas continuam pobres sobre todos os aspectos e os educandos sobrecarregando a memória com desnecessárias definições são seres cansados que para nada servem e

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## O RISO DA SEMANA



Casamento de amor...

## «O SESIMBRENSE»

COMPLETOU 28 anos de publicação, no passado dia 25 de Julho, o nosso prezado colega «O Sesimbrense», órgão da Liga dos Amigos do Castelo de Sezimbra e valoroso defensor dos interesses daquela região, dirigido pelo distinto jornalista sr. Manuel dos Santos Leite.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de felicitações por mais este aniversário, com votos de muitas prosperidade e muito mais longa vida.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Em gôso de férias, encontra-se nesta vila, com sua esposa, o sr. Juiz-Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, nosso prezado amigo e ilustre comprovinciano.

Com sua família, já se encontra na sua casa de Monte Gordo, a passar o verão, o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto médico em Lisboa.

Chegou no passado domingo a Monte Gordo, o nosso prezado amigo sr. António Manuel Marques da Costa Rocheta, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Já se encontra passando o verão na sua casa de Monte Gordo, com sua família, o nosso estimado assinante e amigo, sr. José de Aragão Barros, agente bancário e importante proprietário em Olhão.

Com sua família, está a veranejar na praia de Monte Gordo, o nosso prezado amigo e assinante em Olhão, sr. Sebastião Vasques Rodrigues.

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se a passar as férias na sua quinta de Quarteira, o nosso querido amigo e assinante, sr. Manuel Mendonça Romão, regente agrícola e chefe da Agência da Junta Nacional das Frutas em Portimão.

Com sua família, está a veranejar na praia de Quarteira, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Rogério Alves, importante industrial em Olhão.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª dr.ª D. Maria Adelina Carrilho Medeiros Madeira Pinto, encontra-se na sua quinta de Caceia o nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. engenheiro-agrônomo Acácio Madeira Pinto.

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Tenente Salvador Martins, Comandante da Secção da Guarda Nacional Republicana em Tavira.

Está a veranejar em Monte Gordo, acompanhada de suas filhas, a sr.ª D. Carminda da Silva Noia de Sousa Oliveira, esposa do nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Alberto de Sousa Oliveira, funcionário superior do Instituto Português de Conservas.

Com sua família, encontra-se em Monte Gordo, a passar a estação calmosa, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Hugo Celorico Drago.

Tivemos o prazer da visita à nossa redacção, do nosso conterrâneo e assinante, sr. António José Rodrigues Rosa, funcionário dos C. T. T., residente em Lisboa.

Com sua esposa e filho, encontra-se a veranejar na Praia de Monte Gordo o nosso amigo e assinante, sr. José Santana, residente em Mértola.

Em gôso de férias, encontra-se em Tavira o nosso prezado assinante, sr. António Henrique Felício, funcionário da Alfândega, nesta vila.

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a sua família, a nossa prezada assinante, sr.ª D. Júlia Duarte, tendo-se especializado nos serviços de «ajours», encontrando-se à disposição das suas Ex.ªs Clientes.

Com sua esposa e filho, encontra-se em Santa Clara-a-Nova (Almodôvar), o nosso prezado assinante e amigo, sr. dr. António Joaquim de Almeida, digno chefe da Secretaria da Câmara Municipal desta vila.

Em gôso de férias, encontra-se nesta vila o nosso ilustre conterrâneo, prezado amigo e assinante, rev. dr. Sezinando de Oliveira Rosa, secretário geral da Acção Católica Portuguesa.

Esteve em Lisboa, em tratamento, tendo já regressado a esta vila, o nosso amigo e prezado colaborador, sr. Fernando Moraes Rodrigues.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso assinante, sr. Diamantino de Sousa Cardoso, residente em Tavira.

Encontra-se de visita a seus pais, acompanhada de seu filho, a sr.ª D. Maria Manuela Ribeiro de Sousa Cruz, esposa do nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Renato Adriano da Cruz.

Regressou de Lisboa, a família do nosso estimado amigo e colaborador, sr. Ricardo Lino Cor-

## O ARAÚJO DO CAMÕES ÚLTIMO REDUTO DA BOÊMIA JORNALÍSTICA DE LISBOA

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

por volta das cinco horas, sempre risonho e afável, delicioso camarada «fora de portas», exigente e intempestivo dentro do jornal.

À tertúlia presidia Raposo de Oliveira, poeta de rimas pomposas, talento fulgurante e dispersivo, amando as flores e as crianças e poetando com a facilidade com que qualquer de nós redige um mesquinho caso do dia. Raposo de Oliveira tinha génio. Era ele o nosso patriarca e a chama que animava a tertúlia. Ali se juntavam António Carneiro, outro grande poeta desaparecido, Jaime Brasil, Aprígio Mafrá, Belo Redondo, Augusto Pinto, o belo moço que era o Albuquerque, desenhador, reporter e humorista, e os nossos comprovincianos Leal da Silva e César dos Santos, e o Napoleão Gonçalves, excelente camarada e físico honorário, que felizmente já ultrapassou os setenta e muitos mais ha-de contar.

Às vezes apareciam alguns desgarrados, e entre estes Luna de Oliveira, outro querido camarada, sempre gentilíssimo, também poeta, escritor e dramaturgo, que foi comandante de um regimento de cavalaria na Ajuda e morreu prematuramente há uma meia dúzia de anos — sempre bom, sempre poeta e sempre revoltado contra a iniquidade. Que deliciosa madrugada aquela em que nós, depois da ceia de confraternização no «Século», na noite do fim do ano, fomos parar e mais outro camarada a uma taberna da Rua do Norte, por baixo da «Capital», em que se cantava o fado, sem entradas pagas e com total e salubre ausência do auditório pífio e empergado que hoje frequenta as casas habilitadas a fornecerem a chamada canção nacional! Outras gentes, outros tempos!

A tertúlia do Araújo funcionava invariavelmente até quase ao nascer do sol. Se adregava haver disputa poética ou tema de monta que aticasse a curiosidade, então a porta ondulada era corrida já com a luz matinal a afagar os louros brônzeos do épico. No geral, depois de consumidas umas garrafas do vinho minhoto que o nosso anfitrião tinha de reserva para os amigos, a tertúlia começava a dispersar. Eu, o Leal e o Napoleão, que morávamos para a mesma banda, descíamos o Chiado solitário e metíamos pela Rua da Palma, que ao tempo mal pensávamos seria o monte de entulho que é hoje. Uma vez por outra, faziam-se paragem numa leitaria daquela rua, ainda mais pequena que a do Araújo, para petiscar uma lata de conserva. Descubri que o homenzinho tinha umas latas de sardinha «made» Vila Real de Santo António e isto justificava a paragem. Ali nos demorávamos a saborear os apetitosos peixes e depois cada um ia à sua vida, que é como quem diz à sua cama.

Raposo de Oliveira, que morava para os lados da Bica, ficava geralmente até mais tarde no Araújo, a despistar com António Carneiro ou a ouvir as anedotas do Augusto Pinto ou a «última» do Belo Redondo, que ao tempo ainda usava bengala de castão esférico de marfim, charuto atrevido, e envergava uma vez por outra casaca de abas de grilo.

Também por ali aparecia às vezes esse infeliz e malgrado lvo de Monforte, excelente camarada no seu estado normal, impicativo e insuportável quando se excedia nas libações, o que era frequente. Outro frequentador assíduo era o «Norte», um nosso comprovinciano de Olhão, «revolucionário» terrível, que sempre gostou de privar com gente de letras e que de vez em quando fazia o seu comício

reia, digno gerente do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

De visita a sua família, encontra-se entre nós, acompanhado de sua esposa e filhos o nosso conterrâneo, sr. Américo de Brito Neves, funcionário superior da Cooperativa Agrícola de Montalegre.

Já regressou de Setúbal, onde passou algum tempo, à sua quinta das Cevadeiras, em Caceia, o nosso querido amigo e assinante, sr. Manuel Medeiros Bravo.

Encontra-se em Monte Gordo, a passar o verão, com sua família, o sr. Sebastião Centeno, nosso prezado assinante em Lisboa.

### Nascimento

Teve a sua «délivrance», dando à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Emilia de Freitas Cavaco, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Filinto Elísio da Silva Cavaco, tesoureiro da Agência do Montepio Geral em Faro.

As nossas felicitações.

inflamado (burgueses dinamitados e padres enforcados), com grande arrelia do amigo Araújo, que dificilmente suportava a presença do inofensivo homem. De facto, a sua loquacidade era impertinente e o seu poder de compra notoriamente modesto...

Havia noites de casa cheia, a ponto de alguns dos amigos mais íntimos entrarem para a contra-loja e ali, entre sacos, vazilhas e outros trastes, abancarem a petiscar, a libar e a discutir. E' claro que as discussões, que no geral não passavam de conversas, giravam mais ou menos à volta de assuntos que se prendiam com o jornalismo, as belas letras e a política, e ali se esmiuçava, às vezes sem grande generosidade, a vida deste ou daquele, que fazia isto ou aquilo, quer no campo profissional quer no campo político e que merecia crítica ou comentário. Um dos pratos bons eram as anedotas de Augusto Pinto, camarada muito viajado, muito culto e conservando com a graça natural uma memória invejável. Quase levava a palma a esse outro talentoso e malogrado companheiro que foi Aprígio Mafrá, humorista nato, queimado física e intelectualmente na labareda devoradora do jornalismo, escravo submisso da tirania inexorável da rotativa. Lá foi, ha pouco mais de um ano, para o cemitério do Lumiar.

Noutras noites, o Araújo estava mais despojado. Apareciam o Raposo, o «Norte» e dois ou três amigos daquele, que eram sempre certos, um deles excelente creatura que acabou por se suicidar nas arribas de Cascais. Os outros frequentadores não compareciam. Tinham quaisquer negócios ou compromissos que os inibiam do convívio madrugador e sempre agradável. Por exemplo, Jaime Brasil e César dos Santos e eu íamos de vez em quando, geralmente ao sábado e por alturas do princípio do mês, quando as reservas monetárias ainda consentiam luxos, ceiar ao Paco, da Rua das Gáveas, uma tasca popular no coração do bairro mais mal afamado de Lisboa, mas onde se comiam mais apetitosos petiscos e se bebia melhor vinho do que se come e bebe nas mesmas tascas que progridem agora no dito bairro, com luzes néon à porta, criados disfarçados de arrieiros ou vice-versa, moças vestidas à fadista e mandarete para receber o chapéu e acender os cigarros dos senhores e das senhoras frequentadores. Bons tempos! Sentados no extremo de uma das compridas mesas de pinho do Paco, o tempo mais encardido que um costado de um barco velho, ali sonhavam os três, petiscando e bebendo o mais saboroso vinho branco velho que havia em toda a Lisboa. Não podíamos consumir mais de dois terços da garrafa. O resto era o pé, uma massa barrenta, que ficava agarrada à vazilha. Mais de uma vez pensei que o maroto do galego deitava barro na garrafa. Mas enfim, o nectar era tão bom que se desculpava a falsificação, se esta alguma vez existiu!

Pois ali, recatadamente, sonhávamos os três, não em silêncio, mas em voz moderada, arquitetando planos, «fabricando» jornais e revistas, preocupados com a cultura e com o problema material do povo, desejosos de sermos úteis ao nosso semelhante. Dali safu, afinal, o magnífico semanário «O Globo», que teve, naturalmente, e por força das circunstâncias, vida efémera.

Afora estas fugas, era certa a frequência à tertúlia do Araújo. Lembro-me que certa noite da véspera do Natal ou do fim do ano acabamos por improvisar uma ceia na leitaria. Creio que os comestíveis vieram do Paco, mas havia uma divergência no grupo dos cinco ou seis comensais. César dos Santos, ao tempo no «Século», por qualquer questão de serviço, não falava com António Maria Lopes e entendia que se não devia sentar à mesa. O César era um resingão terrível e foi difícil convencê-lo a partilhar conosco a improvisada ceia. Mas tudo se compôs, ambos se deram as mãos e ficaram e continuam os bons camaradas que sempre foram. Raposo, como não podia deixar de ser, presidiu ao ágape que decorreu num ambiente de bela camaradagem, com anedotas, versos e piadas às pequenas da vizinhança, assíduas frequentadoras daquele porto de abrigo na desolação fria e sonolenta das madrugadas silenciosas.

Com o tempo, a tertúlia começou a desvalorizar-se. O primeiro golpe, o mais terrível, foi a morte do Raposo. O desaparecimento deste velho camarada foi, a bem dizer, o toque de finados do grupo de belos moços, alguns de mais de cinquenta anos, que ali iam todas as noites recriar-se no convívio agradável de umas horas, grande parte das quais to-

## PROVINCIA

### FERRAGUDO

#### Festa do Sagrado Coração de Jesus

É no próximo dia 22 do corrente, que se realiza a tradicional festa em honra do Sagrado Coração de Jesus, começando o tríduo no dia 19, pregando o Rev. P.º Dr. Henrique Ferreira da Silva, grande e consagrado orador.

#### Neurologia

Chegaram na passada quinta-feira, dia 22 de Julho, os restos mortais, trasladados de Lisboa para esta localidade, do sr. Luís António Ramos Dionísio, comissário da Marinha Mercante, de 50 anos de idade, natural de Ferragudo.

Era casado com a sr.ª D. Fernanda Amélia Garcia Coelho Ramos Dionísio e era filho da sr.ª D. Maria da Glória Ramos Dionísio e do sr. António Dionísio, capitão da Marinha Mercante, e irmão do nosso amigo sr. eng. João Ramos Dionísio.

A urna esteve depositada na Igreja, das 17 às 19 horas, seguindo depois em cortejo para o cemitério local, com grande acompanhamento, onde se viam crianças das escolas, com os seus estandartes, fazendo-se vários turnos.

Também faleceu a sr.ª D. Isabel Augusta Paixão, professora parti-

### CAMPANHA NACIONAL

#### DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A CAMPANHA continua enquanto houver um português sem saber ler, a par da Revolução em marcha enquanto houver um lar sem pão.

De todo o País nos chegam notícias como a que se verifica no distrito de Faro. Parece que o calor aumenta os exames, como dilata os corpos. A última época de exames do ano e no ensino primário, apresenta novidade escolar, perto de 6.000 exames do 1.º grau e 4.000 do 2.º grau.

O número de exames de Adultos completou 4.600. Total geral num Distrito pequeno e ainda com núcleos sem estabelecimento escolar a funcionar, por culpa apenas das Câmaras que não arranjaram casa, visto que o Ministério da Educação Nacional já criou esses lugares.

Ao findar o ano lectivo corrente, o número de exames é representado por 14.600, entre crianças e adultos.

Os modestos servidores do Estado, no sector do ensino primário e neste recanto algarvio, onde sabemos que as autoridades escolares já tiveram de proibir os excessivos prolongamentos de horários nas escolas e postos, sabe cumprir e bem as determinações superiores, sabendo satisfazer e interpretar o espírito dos Decretos 58.968 e 58.969, padrões fixos já na história da Educação Popular em Portugal, como os seus próprios autores a quem o Governo, em boa hora, entregou tão delicado e importante sector governativo.

### CARIDADE CRISTÁ

A CARIDADE cristá, a integral caridade cristá, já preluída por Platão: «Não devemos fazer mal a ninguém — nem mesmo aos maus» — República, liv. I, cap. IX, manda que consideremos o mau como mais digno do nosso amor do que o bom. O mau é um doente da alma. E se nós somos carinhos incondicionais para os doentes de corpo, porque não o fazemos de ser para os doentes da alma? Os doentes não precisam de pancadaria, mas de quem os cure. Castigá-los pela violência é agravar-lhes o mal.

Tal a filosofia da caridade cristá, já claramente definida no divino Platão. Dela estamos tão longe como da estrela Sirius.

José Barão

cular, confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja. Contava 75 anos de idade, era natural de Ferragudo, e deixa viúvo o sr. José Bernardo Bigode, que viveu durante muitos anos no Brasil.

A todas as famílias enlutadas, manifestamos a expressão do nosso sentido pesar.

#### Partidas e chegadas

Partiu para Lourenço Marques, o sr. Jorge Vieira, com sua esposa sr.ª D. Sebastiana da Glória Mourinho Vieira, parente do nosso correspondente, que estiveram no Algarve e em várias terras do norte, em goso de licença graciosa de um ano.

Também se encontra entre nós o sr. Américo Moral, que veio passar aqui a época balnear.

Vindo da África Portuguesa, encontra-se entre nós o nosso estimado amigo sr. Belmiro Paulo Galego.

Já se encontra também na sua residência do Castelo do Arade o sr. dr. Francisco José Vieira Machado, com sua família. — C.

## CHÁVENAS DE CAFÉ

### QUASE AMARGO

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

mem. Mas não he faltam recursos para assimilar cultura igual à do homem.

São frívolas — diz-se. Mas não será a instrução o processo de he diminuir a frivolidade? Frivolidade e ignorância dão-se as mãos.

Menos verdadeira a afirmação de Fénelon, em que se diz: «Deve existir na mulher o pudor da ciência — pudor tão delicado como o inspirado pelo horror do vício.»

Os prejuízos para a mulher vêm-lhe não da ciência que possuem, mas da ciência que lhes falta, ou da falsa ciência que se lhes ministra.

A mulher precisa de saber adequado à sua missão social. Não he faltem com ele. Dele precisa como de pão para a boca.

### INTELIGÊNCIA FEMININA

QUANDO há o propósito sistemático de fazer crer que a mulher é um zero aparafusado a um peçoço — dela se diz o que Mafoina não disse do toucinho. Afirmam-se, por exemplo, coisas desta força (de Lamennais ou de Rousseau?): «Nunca encontrei mulher que fosse capaz de seguir um raciocínio durante um quarto de hora...»

Quem tal afirmou não conheceu uma Maria Curie ou uma Carolina Michaelis de Vasconcelos — espiritos bem femininos. Não se limitaram a seguir um raciocínio durante um quarto de hora, senão que os fizeram durante toda a vida, e bem argutos.

### CARIDADE CRISTÁ

A CARIDADE cristá, a integral caridade cristá, já preluída por Platão: «Não devemos fazer mal a ninguém — nem mesmo aos maus» — República, liv. I, cap. IX, manda que consideremos o mau como mais digno do nosso amor do que o bom. O mau é um doente da alma. E se nós somos carinhos incondicionais para os doentes de corpo, porque não o fazemos de ser para os doentes da alma? Os doentes não precisam de pancadaria, mas de quem os cure. Castigá-los pela violência é agravar-lhes o mal.

Tal a filosofia da caridade cristá, já claramente definida no divino Platão. Dela estamos tão longe como da estrela Sirius.

Cruz Malpique

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 30 de Julho a 5 de Agosto de 1954

#### TRAINEIRAS

Flor do Guadiana	54.410\$00
Levante	49.020\$00
Norte	35.240\$00
Maria Rosa	26.400\$00
Brisa	26.210\$00
Sam Domingos	22.324\$00
Infante	19.960\$00
Leste	18.910\$00
Deolinda Rita	17.900\$00
Carmela	14.930\$00
Agadão	14.915\$00
Pérola do Guadiana	12.985\$00
Flor do Sul	12.760\$00
Janita	9.170\$00
Tufão	8.960\$00
Raulito	6.350\$00
Liberta	4.440\$00
Batinha	2.763\$00
Total	357.647\$00

#### Flum da costa Algarvia

607 Atuns	535.133\$30
184 Atuarros	83.612\$50
57 Albacoras	17.666\$70
20 Cachorretas	2.041\$70
Total	638.454\$20

### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 31 de Julho a 6 de Agosto:

Entrados:  
 COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubo.  
 ASTRA, Panamiano, de 1.299 ton., de Garston, vazio.  
 ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:  
 LAUPEN, Suíço, com convesas, para Génova.  
 COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.  
 ASTRA, Panamiano, com minério, para Dublin.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Agosto, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

### Movimento demográfico

O movimento demográfico, no ano findo, no nosso concelho, foi o seguinte:  
 Casamentos, 121; nascimentos, 528; e óbitos, 154.

## Informação

A Câmara Municipal prorrogou a cobrança dos ramais de ligação de água, nas mesmas condições anteriores, até ao dia 31 de Agosto corrente.

### VILAREALENSE ALGARVIA

AGRADECEMOS as amáveis palavras que dirigiu ao nosso jornal, e, embora estejamos convencidos de que não houve, por parte do nosso colaborador que tem a seu cargo a secção a que se refere, o propósito de magoar os espectadores de maior sensibilidade emotiva, afirmamos-lhe o nosso desejo de evitar a repetição de referências semelhantes, mesmo quanto bem intencionadas.

### Visado pela Comissão de Censura

## PAPELARIA IDEAL

DE  
 JOAQUIM A. CORREIA  
 Rua 5 de Outubro, 20  
 TAVIRA

As últimas novidades literárias  
 Papelaria — Artigos Escolares  
 ENCADERNAÇÕES  
 COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

## Câmara Municipal de Vila Real Sto. António

FORNECIMENTO DE 500 CONTADORES DE AGUA SOB PRESSÃO 12/15 m/m DE CALIBRE

Até às 16 horas do dia 23 de Setembro p. f., recebem-se propostas para este fornecimento, conforme condições patentes na Secretaria da Câmara.

Vila Real de Santo António, 7 de Agosto de 1954.

OS NOSSOS CONTOS

PEQUENO CONFLITO

Por N. RODRIGUES PENA

AQUELA hora tardia da noite, o eléctrico visjava quasi se sem passageiros. Com as faces coladas no vidro, uma das raparigas parecia distraída, olhando abstractamente a ampla avenida marginada de belos e sumptuosos prédios. A ligeira e fresca brisa espalhava pela noite o odor forte e sensual das glicínias que trepavam exuberantemente pelos muros dos jardins. A primavera, impunha-se por toda a parte, dum forma violenta e victoriosa. A um canto do eléctrico, no lado oposto onde se encontravam as duas raparigas, um rapaz de feições pállidas e olheiras fundas, erguia de vez em quando os olhos do jornal e ao mesmo tempo ousado, que começava a importunar uma das raparigas. Ambas vestiam tecidos leves, próprios da estação, e os seus gestos denunciavam fadiga e cansaço, embora os seus corpos irradiassem essa frescura saudável da gente nova. — A Ilda está impossível! Tudo o que faz só serve para nos amesquinhar. A outra teve um gesto recioso, como a exprimir espanto ou indiferença. — Não, tu é que não reparas nestas coisas, a Ilda aproveita todos os pretextos para nos ferir. A Ilda foi sempre assim: orgulhosa, fantásticamente orgulhosa. Eu não tenho nenhuma má vontade contra a Ilda, somos amigas, amigas desde os bancos do colégio, mas isso não impede que lhe conheça bem os defeitos. Calou-se; por momentos hesitou, ante o mutismo da irmã, em prosseguir a conversa; depois, ábitamente decidiu-se: — Notaste no jarrão com os lilazes? Não; não reparaste. Tu não das conta de nada, vives muito nas nuvens; pairas lá muito pelas estrelas, não sei que diabo de mulher tu és! — Mas o jarrão... os lilazes, atraveu-se Lúcia num gesto medroso. — Vives nas nuvens, é isso, pairas lá muito pelas estrelas! Sacudiu-se num riso nervoso. Os lilazes? Não te recordas da tola dissertação da Ilda? Ela aproveita todos os motivos para mostrar a tua ignorância. Está sempre a blasonar de cultura, arte para aqui arte para além, atrai catadupas de nomes de artistas e de escritores, como a convencer todo o mundo que é uma creatura excepcional. Como eu não a conhecesse bem! Poff!

Os lilazes? E veio logo com o D'Annunzio, que os lilazes eram as flores preferidas do D'Annunzio, como se os lilazes se valorizassem pelo motivo do D'Annunzio os preferir a qualquer outra flor. E' ridícula essa Ilda! E tu, parva, não percebeste nada, não percebeste que ela pretende amesquinhar-te ante a presença dos outros. Olha, Lúcia, para a próxima vez, espero que te conduzas dum maneira mais conveniente e sensata. Há erros que são imperdoáveis! Para que diabo lhe perguntaste quem foi esse D'Annunzio? Concorde, filha, foi uma pergunta disparatada, uma das tuas muitas ideias idiotas, uma das ideias tolas que só servem para me dar desgostos. — Para a outra vez serci mais comedida, para a outra vez procurei que tu me orientes... Eu sei, eu sei, sou como uma tolinha... Lúcia teve um gesto de enfado e dos seus olhos correram lágrimas amargas, furtivas. — Não, não quero que te irrites. Mas concorda, Lúcia, concorda se não fosse a tua pergunta, a Ilda não teria ocasião de falar nesse seu herói de Fiume, no amigalhaço de Mussolini, de falar mesmo no Duce e acabar por discutir, dum

ma forma grotesca, socialismo e fascismo, como se ela entendesse patavina desses negócios. Ilda é a ignorância completa. Conheço-a desde os bancos do colégio, uma pateta. Era eu que lhe escrevia as cartas para o namoro. A portuguesa foi sempre uma autêntica negação, nunca soube alinhar correctamente uma simples frase. Nas chamadas é que ainda conseguia brilhar um pouco; teve sempre uma grande facilidade em se exprimir, foi sempre uma garota de «patois».

Como toda a gente destituída de inteligência, valeu-se sempre da memória. E' preciso, Lúcia, que tu fixes dum vez para sempre estas coisas e não mostres os teus verdadeiros sentimentos, isto é, não tenhas a fraqueza de manifestar os teus complexos de inferioridade. Os olhares das irmãs encontraram-se, num olhar doloroso, angustiado. — Vá, vá não chores, vá, Lúcia, não chores! Eu se digo isto é unicamente para teu bem, é só para a tua felicidade. Tenho pensado muito no teu futuro, é necessário dar-lhe uma solução, uma imediata solução á tua vida. — Oh! o que vocês me irritam, vocês acabam por envenenar toda a minha vida! A sua vez crescia de angústia, de amargura. E' o pai, a mãe, és tu Madalena, és o teu marido, todos empenhados em torturar-me! Como se eu fosse inteiramente culpada de toda a minha infelicidade. Ninguém se lembra que tenho vinte e seis anos, que sou já uma mulher, que já não sou a menina desastrada que não se sabe conduzir na existência! Vá, Lúcia, sossega, não chores Lúcia! Sabes bem que não tolero essas tuas pieguices, que a vida não vai para pieguices! Foi, realmente, uma tolice, uma grande tolice da tua parte, essa estúpida pergunta acerca do D'Annunzio. Eu notei bem o triunfo no fulgor dos olhos de Ilda. Lembra-te da gargalhada de Ilda! Até acabou por rematar que nós só conheciamos o sr. Pitigrilli, que nós só gastávamos o tempo a ler coisas frívolas. Sei bem que estas coisas para ti não têm importância, não têm qualquer significado. Pois a mim, querida, azedam-me as horas da vida! Andas nas nuvens, és a tua grande doença, andas muito nas nuvens, filha! Oh, Madalena, deixa-me, deixa-me! A cabeça estoira-me, deixa-me, deixa-me! — Vá, Lúcia, não faças essas cenas, deixa-te de teatros, tudo o que te digo é para teu bem, é para o teu futuro, para a tua felicidade. Se ao pai não tivesse acontecido tão desgraçado fracasso, seria eu a quebrar as relações com essa pedante, era eu própria a deixar de ir á sua casa. Eu

sou muito amiga de Ilda. Conheço-lhe todos os defeitos, mas isso não obsta que eu seja sua amiga. Os nossos pais estão quase sem relações, meu marido, por sua vez, embirra de morte com estas coisas. Não está no seu feitio, é muito orgulhoso, um pouco casmurro com as suas velhas ideias. Resta-nos a casa de Ilda, os muitos conhecimentos e relações da Ilda. E' tempo, querida, de pensarmos seriamente no teu caso. Lembra-te que estás com vinte e seis anos. Sim, não és ainda velha, mas o tempo passa, estás com vinte e seis anos. Vá, querida, esforça-te por compreender isto! Toda a vida é feita de renúncias e sacrifícios! Eu sei que te custa aguentar os olhares pífidos, as insinuações venenosas de toda essa gente que sabe do teu rompimento com o Victor. Foi uma infelicidade, Lúcia! Sim, eu também compreendo tudo, penaliza-me imenso a tua situação! Vá, Lúcia, ergue-te, muita coragem! Ergue-te, Lúcia! Oh! chegámos á nossa paragem. Vá, dá-me as tuas mãos. Não tremas, Lúcia! Sentes frio? Limpa essas lágrimas, querida! — Oh! Madalena, sinto-me tão cansada, tão cansada. — Vá, dá-me as tuas mãos! — Dói-me a cabeça, não calculas Madalena, dói-me tanto a cabeça, que vou ficar estendida aqui na rua. Vá, dá-me as tuas mãos, dá-me as tuas mãos! O estafarço do rapaz do eléctrico segue nos; já no eléctrico não descolava o olhar de ti, que parvo os rapazes do nosso tempo! Lúcia ergueu os olhos pisados, cheios de lágrimas para o rosto da irmã, era o mesmo olhar desvaído, mas cheio de curiosidade e ensombrado por uma amarga tristeza: — Que rapaz? murmurou uma voz frouxa, tímida. — Vá, não vale a pena olhares para trás, é um pobre diabo qualquer. E depois, num tom agastado, ápero: Eu bem digo que tu andas muito nas nuvens, pairas muito lá pelas estrelas. Não das conta de nada, não reparas em nada. Não olhes para trás, Lúcia! Vá, dá-me as tuas mãos, limpa bem essas lágrimas, sabes perfeitamente que não gosto dessas pieguices, que a vida não vai para pieguices. Limpa essas lágrimas, que a mãe, Lúcia, não descubra nos teus olhos vestígios de lágrimas! E' preciso evitar os motivos que fazem sofrer a mãe; coitada, ela já tem tantos desgostos! Limpa essas lágrimas, Lúcia! Vê como o «rouge» corre pelas tuas faces. Esse «rouge» é de inferior qualidade, deves usar um outro «rouge». Levas a cara num lamentável estado, pareces um entrudo. Vá, Lúcia, limpa o rosto, seca essas lágrimas, deixa-te de inúteis sentimentalismos.

Cine-Foz

Exibe hoje, pelas 21,30 horas, a sensacional reposição da Metro Goldwyn Mayer, Maria Walewka, com os maiores artistas de todos os tempos, Greta Garbo e Charles Boyer e um conjunto de artistas. A história emocionante do imortal romance de amor entre Maria Walewka e Napoleão Bonaparte. Maria Walewka a fascinante mulher que venceu Napoleão! Um filme que jamais se esquece!

Para indivíduos com mais de 18 anos.

TRESPASSA-SE

Café «Beira-Mar», com quartos no 1.º andar, por motivo de retirada do seu proprietário. Negócio a tratar urgente. Rua Serpa Pinto, 13 e 14 (frente à Lota do Peixe), Telef. 363—PORTIMÃO

PIANO

Por motivo de retirada, vende-se um piano, marca alemã, eléctrico e manual. Tratar na Rua Jacinto José d'Andrade, 64—Vila Real de Santo António.

Se V. Ex.ª visitar em PORTIMÃO o Salão de Chá e Pastelaria SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve.

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4 A, 6 e 8 Tel. 85 PORTIMÃO



DESPORTO

Hóquei em Patins

Taça «Oliveira e Costa»

Com enorme assistência, disputou-se, no passado sábado, dia 31 de Julho, em Faro, a última jornada do torneio de hóquei em patins, dotado com a taça «Oliveira e Costa», que resultou um êxito completo.

A excelente patinadora lisboeta Edite Cruz exibiu-se com alguns números de patinagem artística tendo entusiasmado o numeroso público com o encanto da sua arte.

Académico, 3—H. C. de V. Real, 6

Este jogo, entre as duas jovens e rivais equipas vilarealenses, foi disputado com grande entusiasmo e equilíbrio. O aparente desnível que o resultado deixa antever não se verificou e só a infeliz actuação do habilidoso Cílio pode justificar a diferença de três tentos.

Nos «negros» destacou-se Faisca apesar de, por vezes, excessivamente pessoalista. Seguiu-se lhe, em mérito, o guarda-redes Munhoz que teve defesas valorosas.

No Académico destacaram-se Rosa e Campinas.

As equipas alinharam: H. C. V. Real: Munhoz, Rolla, Coelho, Salvador, Faisca e Clemente.

Académico: Cílio, Ruivo, Campinas, Pescada, Rosa e José Luiz,

Imortal, 8—S. L. e Faro, 0

Este encontro, que era uma autêntica final, não correspondeu á expectativa. Dado o bom comportamento da equipa farenses, esperava-se uma boa partida, renhida, equilibrada, disputada palmo a palmo. Afinal, o Imortal dominou de principio a fim e só Braga, que foi o melhor jogador no rectângulo, deu réplica condigna aos valorosos barlaventinos.

Os grupos alinharam: Imortal: Gonçalves, Egidio, Hellder, Frutuoso e Victor, S. L. e Faro: Farinha, Braga, Graça, J. Maria, Pinheiro e Rosa.

Classificação geral

	B	P
Imortal	80	4 8
Sport Lisboa e Faro	15	13 5
União Farenses	6	8 5
H. C. Vila Real	10	17 2
Académico H. C.	6	26 0

NOTÍCIAS DESPORTIVAS

No passado domingo realizou-se mais uma jornada do torneio popular de futebol de Olhão, para disputa da taça «José Abraão da Palma». Os resultados verificados foram os seguintes: Vasco da Gama, 1-Estrela, 0; Unidos, 0-Serpa Pinto, 0; Cuf, 2-União, 2.

Ficaram apurados para a final o Unidos Desportivo Olanhense e o Vasco na Gama. Realizar-se-ão dois encontros e será vencedor da taça o que melhor resultado fizer nos dois jogos a disputar.

No próximo dia 20 chegará a Olhão, segundo nos informam, um extremo direito, que já jogou na I Divisão e quem vem tratar da sua transferência para os antigos campeonos do Algarve.

Já começaram os treinos dos clubes de Faro e Olhão, orientados, respectivamente, pelo espanhol José López e pelo chileno Xavier Mascaró.

Corre nos meios desportivos da capital do Algarve, que o excelente guarda-olho algarvio Isaurindo, que se tem evidenciado na Covilhã, envergará esta época as cores do Farense.

Parece estarem em bom termo, as negociações do Olanhense com o União de Montemor, para a cedência de Eminentino ao Olanhense.

Sabemos de fonte digna que o Vitória pediu vinte mil escudos pela transferência de Lúcio, para o S. C. Farense.

Encontra-se na capital do Algarve, de onde é natural, o conhecido futebolista da Académica, André.

Para passar as férias com sua família, encontram-se em Olhão, os jovens futebolistas Delfim e Abreu, respectivamente, do Académico de Viseu e Académica.

Fala-se com certa insistência na vinda para a equipa de basquetebol do Ginásio, do conhecido desportista Fonte Santa, que joga actualmente no S. C. de Portugal.

Diz-se também que Vinhas, jogador da equipa de basquetebol do Farense, volta novamente á equipa do Sporting.

Diz-se que «Os Olanhenses» pensam recrutar esta época um técnico de Lisboa, para o desenvolvimento da prática do basquetebol em Olhão.

Diz-se em Olhão, que a direcção do clube local está a tratar da transferência do excelente extremo direito do Portimonense, Camarinha. A confirmar-se a notícia, é sem dúvida um valioso elemento para as fileiras do popular clube que se esforça por conseguir esta época um team á altura dos seus pergaminhos.

Heroumano Valente

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Martinho Rita Bexiga CAMIONETAS DE ALUGUER. Telef. 244 ♦ OLHÃO. Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

VENDE-SE CASA, com 8 divisões e quintal, na Rua Dr. José Guimarães, n.º 9. Informa: Padaria Felizardo, na mesma rua.

TRESPASSA-SE em Portimão. A «Casa Chio», por motivo de retirada, sem existência. Bom local, servindo para qualquer ramo de negócio. Casa de habitação anexa. Rua da Igreja, 39 (antiga rua dr. António Cândido) em frente ao Liceu.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS RAMOS & MATEUS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line AGENTES GERAIS CARLOS GOMES & C.ª, L.ª 4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON O vapor rápido «ALMDYK» carrega em LISBOA em 23 de AGOSTO Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland Partida de Rotterdam: «LOCH AVON» — 23 de Agosto

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES DRAGAS PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC. CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREALIS Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC. Para o seu caso consulte sempre a: Agência Comercial e Marítima do Sul Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



## EXAMES...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

em nada contribuem como elementos de riqueza e grandeza do País. São estas, em síntese, as lamúrias humanamente compreensíveis que são fruto da época, especificante, dos que, menos dotados (e aqui encaro o «verbo» na sua significação amplíssima), ficam para trás, e dos que, melhores, procuram, assim, fazer realçar as suas «virtudes?» intelectuais.

Mas será esta ordem de ideias, que flanqueiam o problema da educação para negarem a obra do Estado nesse sector, será este conjunto de lamúrias, nem todas desituidas acentue-se, suficientes para se «não ver» o que já se fez?

Façamos falar os números, claramente, sem sofismas estatísticos, sem complexidades embaraçosas. Ei-los aí, ao alcance de todos nós, agora publicados num grosso volume de mais de 200 páginas «25 anos de administração pública», consagrado ao Ministério da Educação Nacional.

Numa pálida síntese dessa obra-zinha, que devia estar ao alcance de todos os portugueses, verifica-se, por exemplo, que a frequência nas nossas Universidades aumentou de 5.528 alunos no ano lectivo de 1919-20 para 15.471 em 1951-52; nas escolas de belas artes subiu a frequência, no mesmo período de 153 para 814 alunos; nos liceus, elevou-se de 15.442 alunos em 1928-29 para 24.959 em 1952-53; nas escolas técnicas o número de alunos matriculados subiu de 15.604 em 1929 para 32.185 em 1953; no ensino primário o total dos exames efectuados aumentou de 19.292 em 1926, para 160.463 em 1952.

Merecem especial destaque as indicações que nos revelam a expansão decisiva do ensino primário: o número de escolas, que era de 6.110 em 1911, eleva-se para 8.484 em 1926, ascendendo a 15.724, em 1952; e, nos mesmos períodos, o número de matriculas parte de 291 mil em 1911, chega a 516 mil em 1926 e alcança 652 mil em 1952.

Como se assinala, a taxa do analfabetismo foi reduzida de 21,4 unidades entre 1930 e 1950, quase o triplo da baixa verificada nos dois decénios anteriores. Em 1950 a taxa do analfabetismo desce para 40,4 o que, por outras palavras, quer dizer que naquela data, números redondos, 60 por cento da população portuguesa com mais de 7 anos de idade não era analfabeta: sabe, pelo menos, ler, escrever e contar. Quanto ao sexo masculino a baixa é ainda maior: aquela taxa exprime-se por 32,4.

Da obra material de construção de edifícios para a instalação de escolas primárias, liceus, escolas comerciais e industriais, institutos técnicos e educação física, ginásios e estádios, faculdades universitárias, e todas as modalidades de instituições culturais, nas quais se não devem esquecer as iniciativas particulares, tais como se vê em óptimos colégios, espalhados pelo País, e seminários, tudo isso, que está bem patente, não sofre contestação.

Não sofre negação também o nível geral de habilitação dos portugueses, mais que suficiente para as possibilidades de emprego da Grêi. Não pode hoje, regra geral, dizer-se que haja uma ocupação que nacionais não estejam aptos a desempenhar. Verifica-se, infelizmente, que muitos, desejosos de mostrar as suas reais qualidades e engenho, se encontram na impossibilidade de o fazer, por hora.

Estes são, em verdade, os problemas que interessam resolvidos no pelouro da Educação — para cada cultura e profissão especializada o emprego e a remuneração adequadas.

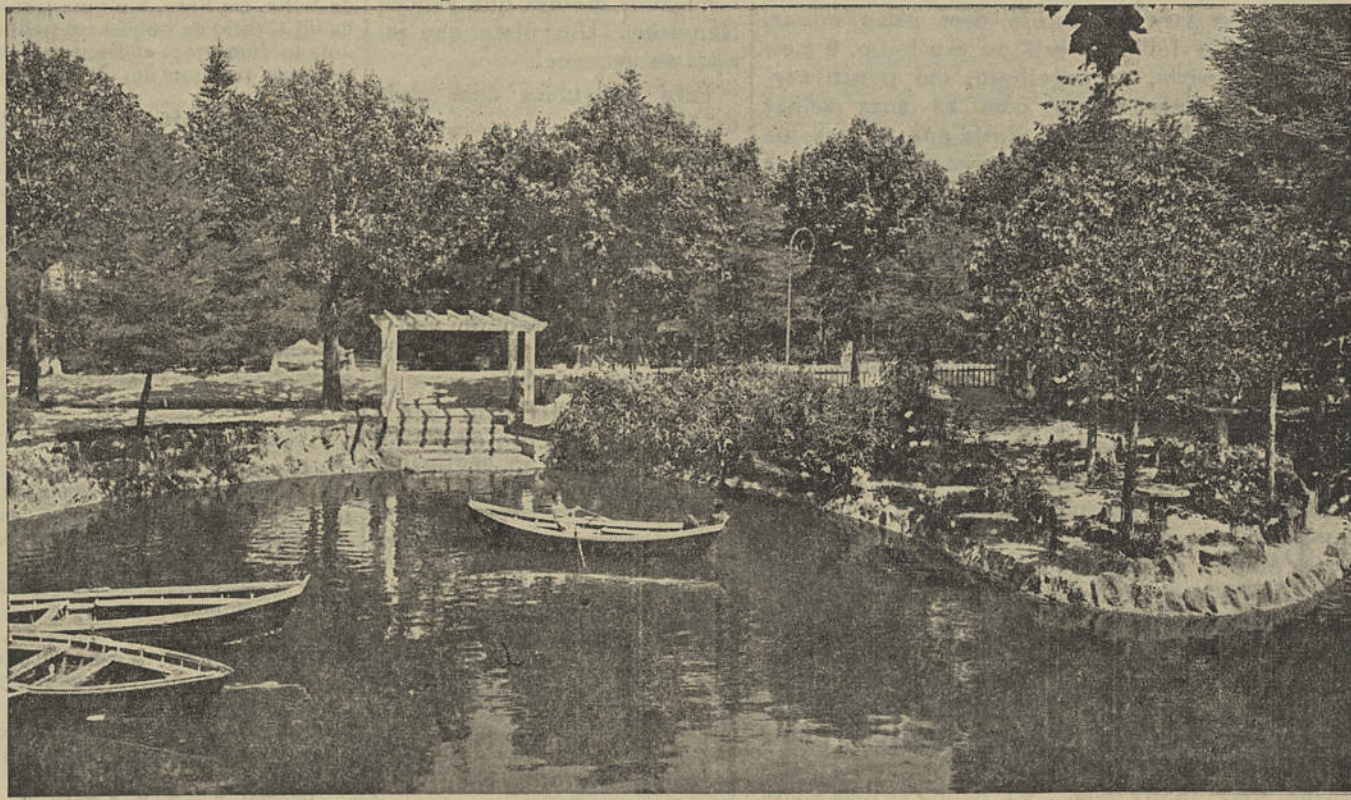
Não me venham dizer que o que se ensina em Portugal não corresponde às necessidades morais, intelectuais e económicas que temos. Os programas e os exames, substancialmente, estão certos. O resto é mera questão de acidente, de critério, de homem e... alunos, como em todos os sistemas e em todos os países que procuram aperfeiçoar-se nos domínios do saber.

## DULCIO DIOCLECIANO CALEÇA

FOI nomeado chefe da secretaria da Escola Industrial e Comercial de Viseu, o nosso prezado assinante e comprouviano, sr. Dulcio Diocleciano Caleça, a quem desejamos as maiores felicidades no desempenho do seu novo cargo, agradecendo a amabilidade que teve em oferecer-nos os seus préstimos naquela cidade.

## PARQUE DE LA-SALETTE

# OLIVEIRA DE AZEMEIS



Parque de La-Salette — Um trecho do Lago

(Foto-Paúl — O. Azemeis)

LA-SALETTE — Quem nunca visitou este recanto florido e alcandorado no antigo Monte dos Crastos, de Oliveira de Azemeis, desconhece, indubitavelmente, um dos canteiros mais aprazíveis e ridentes deste nosso querido «Jardim à beira-mar plantado».

A sua privilegiada situação topográfica, só por si, extasia os entes mais refractários à meiga fascinação da Beleza perante o grácil bucolismo do quadro surpreendente.

## A CAMINHO DE SAGRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

todos mais fortes e mais novos do que eu — excepto o meu companheiro Leote.

Aqui temos um doloroso enigma da vida.

O primeiro a desaparecer foi Domingos Guerreiro, o mais novo e o mais robusto de todos. O segundo, o João Leote, vítima da gula dos banquetes e passeios. A caminho da pousada de S. Brás, o automóvel voltou-se e ele ficou mortalmente ferido. Mas entrou no hospital de Loulé a cantar alto estrofes dos «Lusíadas».

O terceiro foi o José Simões, um rapagão alto, de Silves, e antigo caçador. A morte, que tantas vezes brinca com as suas vítimas, caçou-o pelo coração.

O dr. Rato caiu na ratoeira de um operador... Cortou-lhe uma perna e, talvez involuntariamente, cortou-lhe também a vida.

E desapareceram do palco da vida — vamos lá repetindo a velha frase do romantismo — estes quatro amigos, ficando eu no meu posto para os lembrar com saudade.

Oito anos decorridos — em Agosto de 1927 — voltei a Sagres. Veraneava, com a família, na minha quinta da Praia da Rocha. Uma família amiga aliciou outras famílias para um passeio a Sagres. Fomos. Gente nova, raparigas e rapazes, matizavam de ditos alegres a camioneta do Francisco Castelo, que ia ao volante com as suas mãos firmes e leais. Chegámos cedo e falamos com o José Luís para um almoço abundante e variado.

O José Luís torceu o nariz — rimei e acertei.

Coçou a cabeça e esboçou um gesto de incerteza.

Um calafrio percorreu-me a espinha, voltando a insistir:

— «O amigo José Luis,

com um reforço de boa vontade, dá-nos um sofrível almocinho. São apenas vinte bicos...

Sorriu da minha verve e prometeu atender a todos, sem esquecer duas famílias numerosas de Faro, que lhe haviam escrito com bastante antecedência.

Preparou-se então a nossa cavalgada a caminho do farol de S. Vicente. Um fotógrafo amador tirou fotografias.

Um Sol de Agosto, atenuado pela brisa marítima, acariciava a epiderme. Ao longe, um galo cantava, e à minha mente o começo do «D. Jaime» apareceu, rissonho:

*Um dia numerosa cavalgada  
Apeia-se ao portão.*

Apeámos-nos todos à entrada do farol. Os faroleiros, geralmente, são pessoas afáveis, mostram todas as dependências e, no final, pedem-nos para escrever qualquer impressão no livro de visitas. No termo da visita, as pessoas educadas e generosas entregam alguns escudos...

Regressámos a Sagres para almoçar. Apareceu-nos um temporal caseiro: as duas mesas estavam literalmente ocupadas; a família do laborioso Mateus da Silveira, de Faro, aguardava a sua chamada; e nós, desolados e famintos, esperavamos também a nossa vez...

A cara do nosso hospedeiro fazia-se vermelha, azul, verde, amarela — de todas as cores imagináveis...

O atormentado José Luís, sentia-se crucificado nos braços e nas palavras dessa legião de famintos bem vestidos!

Ao romper das quatro horas da tarde, uma criada veio dizer-nos que chegara a nossa hora.

A sopa, foi um autêntico desastre. Veio, a seguir,

peixe cosido e lagosta de salada. Eu optei por esta. Comi duas garfadas e um gosto horrível se desenhou no meu paladar. Um óleo detestável substituiu o azeite; alguns dos meus companheiros não deram por isso, tal era a sua voracidade; vieram conservas para o resto, mas de qualidade inferior.

Contentei-me em tragar uvas brancas. Findou aqui o meu almoço — com um copo de água turva da cisterna...

Aborreceu-me o passeio e as tripas roncaram até chegar a casa, onde uma chávena de chá lúcialima substituiu a melhor droga da farmácia.

Não voltei nem voltarei mais a Sagres, pois o serviço José Luís já não existe, mas o óleo horrível que me forneceu com a lagosta fresca, ainda me acode ao pensamento como uma das penas do Purgatório...

Deparam-se-me outras ocasiões de voltar a percorrer o caminho de Sagres, com pessoas de minha família ou amigos. Não aceitei tais convites. Um deles, foi por ocasião do naufrágio de um vapor inglês. Muita gente de Lagos e de Portimão ali apareceu. Um amigo que me oferecera lugar no seu carro, veio depois relatar-me o quadro tenebroso que presenciara: dezoito rapazes ingleses, de vinte a vinte e quatro anos de idade, transformados em cadáveres e alinhados no chão, ensanguentados e macerados, comoveram toda a gente que os viu!

Respondi ao meu amigo: — «O meu coração e os meus nervos estão gastos de mais para sentirem estas tragédias!»

Despediu-se e rematou o diálogo com duas palavras significativas: — «Tem razão».

Vai em dois anos que o

## EXAMES MÉDICOS

### PARA CONDUTORES

### DE AUTOMÓVEIS

POR despacho ministerial, foram aprovadas recentemente as instruções relativas aos exames médico-sanitários periódicos, obrigatórios, para os condutores de veículos automóveis antes de completarem 25, 40, 50, 55, 60 e mais anos de idade. Tratando-se de um assunto que interessa a todas as pessoas com carta de condução, e ainda aos futuros condutores, convém que todos tomem conhecimento destas disposições, que entraram em vigor no dia 1 de Julho deste ano.

O «Código da Estrada-1954», de que acaba de sair a 2.ª edição, trás as referidas instruções completas.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

acaso me deparou o ensejo de voltar a Sagres. Não fui, tendo preferido visitar as praias de Lagos, minhas conhecidas, vistas a distância.

O carro de uma companhia inglesa de algodões levou-me lá. Conversámos e o português, com seu ar de mistério, descreveu-me a prisão de um faroleiro na última guerra por... Outro enigma da vida? Adiante, leitor.

Sagres, todavia, nunca mais se apagou da minha retina, com o seu mar agitado, o terreno adusto e a cúpula azul do Firmamento.

António Correia de Oliveira, no seu lirismo penetrante e macio, dedicou-lhe um verso simbólico:

*Onde a figura histórica rasteja...*

Perante a Natureza indômita, ali tudo rasteja e se humilha: árvores e plantas, águas e pardais, homens e vermes...

Só a figura egrégia do Infante continua a esvoaçar como um enigma da vida e do Universo!

Marcos Algarve

## ASPIRAÇÕES ALGARVIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cial, do qual, como no boletim se salienta e é do conhecimento de todos, se estão ao presente servindo tanto cargueiros como pesqueiros, prejudicando-se mutuamente numa azáfama que tudo recomenda seja separada para maior eficiência.

De facto, os tráfegos comercial e pesqueiro, ambos ali exercidos numa escala que torna perfeitamente legítimos todos os desejos de melhoramento, são, senão antagónicos, manifestamente distintos. O descongestionamento do cais do porto comercial, único existente, traria logo aos cargueiros, para cujo serviço exclusivo foi criado, a decisiva vantagem de os libertar de demoras e preterições a que a legítima safra da pesca tantas e tantas vezes os sujeita e que não pode deixar de reflectir-se na medida dos seus interesses. Por outro lado, as descargas do peixe numa doca para esse efeito expressamente construída, passariam a efectivar-se em melhores condições de técnica e também naquelas condições de rapidez a que a presença dos cargueiros e o seu serviço tantas vezes obsta.

Melhores condições de exercício, o mesmo é que dizer melhores condições de aproveitamento das excelentes condições naturais que tem e dos importantes melhoramentos de que felizmente disfruta, não poderiam deixar de reflectir-se num aumento de tráfego, facilmente compensador de todas as despesas realizadas.

Melhorado, também, o desassoreamento da barra do Guadiana, diz o boletim que já citámos, o porto de Vila Real teria, de certeza, fundadas razões para se desenvolver, e já se anuncia que diversas companhias brasileiras e norte-americanas estariam dispostas a mandar ali, regularmente, os seus navios.

Por tudo isto se verifica que aquela legítima aspiração vilarealense, aliás já por mais de uma vez posta em relevo perante os poderes públicos e muito competentemente versada no Parlamento, alinha entre as que, no Algarve, exigem imediata realização.

## Festejos em Castro Marim

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

quela vila; às 10 h., missa e comunhão solene de um numeroso grupo de meninas; às 12,30 horas, missa solene em honra de Nossa Senhora dos Mártires, implorando a Paz em Portugal; às 15,30 horas, abertura da quermesse; às 16,30 horas, chegada da Banda do Sport Lisboa e Faro e do grupo desportivo do Sport Lisboa e Fuzeta; às 17,30 horas, desafio de futebol entre o Sport Lisboa e Fuzeta e o Castro União Futebol Clube, para disputa de uma valiosa taça; às 20 horas, procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora dos Mártires, que dará a volta à vila, com sermão, ao recolher; e, às 22,30 horas, reabertura da quermesse, arraial, concerto pela Banda do Sport Lisboa e Faro e vistoso fogo de artifício.

Como estes festejos costumam ser dos mais concorridos desta Região, a Comissão promotora, de que fazem parte os srs. P.º João Alves de Araújo, Dr. Francisco Dias Cavaco e Francisco Fonseca Franco, providenciou para que os transportes estejam assegurados durante os dias das Festas.